A Liahona

JULIO 1980

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
COMITÊ DE SUPERVISÃO
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee
EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
M. Russell Ballard
Editor;
Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Connie Wilcox
Seção Infantil
Roger Gylling,
Desenhista
EXECUTIVO DA «A LIAHONA»
Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

Julho 1980 PBMA047PO
S. PAULO — BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1 Mensagem da Primeira Presidência: **A Importância do Casamento Celestial**, Presidente Spencer W. Kimball
8 **O Sacerdócio Preparatório**, Marvin Kent Gardner
12 **No Lugar do Bom Pastor**, Darla Larsen Hanks
16 **Perguntas e Respostas**, Lindsay R. Curtis
19 **O Kin Yan Cante**, Yvonne P. Rempp
22 **As Decisões Determinam o Destino**, Élder Thomas S. Monson
28 **Henry-Contra-Mão nas Olimpíadas**, Kathleen Johns e Laird Roberts
31 **Você Pode Conseguir Tudo Com o Espírito**, Vira H. Judge

SEÇÃO INFANTIL

1 **Um Dia Para Ser Lembrado**, Debra George
2 **Um Filho Especial**, Élder Theodore M. Burton
4 **A Pele Nova de Soraia**, Stevie Stumph
6 **Mamãe Canguru — O Porta-Bebê Original**
8 **Só Para Divertir**

NOTÍCIAS LOCAIS

I **Formadas Quatro Novas Estacas em Maio**
V **A Igreja no Amazonas**
VI **Presidência do Templo Promove Ato Cívico Religioso**
VII **Um Testemunho Especial**
VIII **Relações Humanas**
X **Grupo Musical Lider**
XI **Entre Nós**

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 50,00; para o exterior simples: US$ 5.00; aérea: US$ 10.00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Peribebuí, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editorias. Red. e Adm., Av. Prof. F. Morato, 2430-A, CEP 05512, tel: PABX 814-2277.

A Importância do Casamento Celestial

Presidente Spencer W. Kimball

O casamento é, talvez, a mais vital de todas as decisões e a que tem alcance mais duradouro, porque não somente diz respeito à felicidade imediata, mas também às alegrias eternas. Afeta não apenas as duas pessoas envolvidas, mas também as respectivas famílias, mormente os filhos, os filhos dos filhos e até a última das gerações.

A pergunta "com quem me devo casar?" é muito importante, uma vez que a resposta certa traz consigo respostas certas para muitas outras perguntas. Se você se casar com a pessoa certa, e se isso se realizar no lugar certo, as possibilidades de regozijo eterno serão infinitamente maiores.

Por conseguinte, essa decisão não deve ser tomada de chofre. É algo para se planejar durante a vida inteira. Requer, sem dúvida, o mais cuidadoso estudo e ponderação, jejum e prece, para que nessa decisão não haja engano.

No verdadeiro casamento, deve haver união de mentes, assim como de corações. As emoções não devem ser o único fator determinante; a mente e o coração, fortalecidos pelo jejum, oração e análise conscienciosa, asseguram as maiores probabilidades de felicidade conjugal.

Casamentos com pessoas de religião diferente

Tenho advertido a juventude acerca dos perigos do casamento entre pessoas de crença religiosa diferente — das tristezas e desilusões decorrentes de casar-se fora da Igreja. Porém, muitos jovens de hoje parecem inclinar-se a formar suas próprias opiniões e tirar suas próprias conclusões, para determinar o certo e o errado em tudo.

Preocupamo-nos a perturbamo-nos com o fato de que muitos dentre o povo são casados por juízes de paz, ou bispos ou ministros, quando existem templos de Deus, que garantem felicidade eterna, para todo o sempre, desde que haja retidão.

Tem curtíssima visão a garota que escolhe alguém incapaz de levá-la ao templo, ou qualquer rapaz que sai com uma moça que ali não poderá acompanhá-lo. É muito grande o risco de apaixonar-se por alguém que talvez jamais aceite o evangelho.

Sim, uma minoria dos não-membros que se casam com santos são, finalmente, batizados. Alguns homens e mulheres de valor uniram-se à Igreja após haverem-se casado com membros nossos, permanecendo sobremaneira ativos e devotos. Que

Sem a fé comum, o problema jaz à porta. Quando duas pessoas de padrões diferentes, de diferente visão da vida e formação diversa se unem, é algo muito difícil. Há exceções, mas a regra são agruras, tristezas e dificuldades.

Deus os abençoe! Temos orgulho e somos gratos por eles. São a nossa minoria abençoada.

Outros não se filiam à Igreja, mas ainda assim são bondosos, demonstram consideração e cooperam; permitem que o cônjuge membro da Igreja adore e sirva de acordo com os padrões que temos. Que Deus os abençoe também!

Muitos outros se unem à Igreja apenas na ocasião do casamento, para depois deixarem de viver os mandamentos. Muitos se divorciam mais tarde. Outros, se não se divorciam, continuam a ter problemas domésticos, principalmente a respeito de assuntos religiosos.

A grande maioria, entretanto, não se batiza na Igreja. As pesquisas indicam que apenas um entre sete acaba se filiando à Igreja — e é improvável que os demais o farão. Quase metade dos que se casam fora da Igreja tornam-se inativos. E, à medida que os pais abandonam sua religião, um número cada vez maior de filhos cresce sem qualquer crença religiosa.

Assim, você assume um risco incalculável ao dizer: "Bem, pode ser que ele/ela se batize após estarmos casados. Vamos em frente e vejamos o que sucederá." É um risco grande demais.

Os jovens sempre pensam: "Ah, não faz mal. A gente se arranja. Vamo-nos ajustar um ao outro. Meu marido/mulher vai deixar-me agir como desejo, ou então eu me adapto. Ambos viveremos e adoraremos segundo nosso próprio padrão." Isto não é ser liberal. Porém, mesmo que fosse, ser liberal com o programa eterno do Senhor é algo como ser generoso com dinheiro alheio.

No decorrer dos anos, fui procurado seguidamente por mulheres em lágrimas. Como gostariam de criar seus filhos dentro da Igreja, no evangelho de Jesus Cristo! Mas não podem. Como gostariam de aceitar cargos na Igreja! E de pagar o dízimo! Adorariam ir ao templo e fazer ordenanças vicárias, receber seus próprios endowments, serem seladas para a eternidade e terem sua própria carne e sangue, seus filhos, selados a elas para a eternidade!

Mas as portas estão fechadas! Elas mesmas as fecharam, e agora, as dobradiças já se enferrujaram. Alguém não ensinou corretamente tais pessoas, elas mesmas não estudaram as escrituras ou não as compreenderam, ou, então, ignoraram as advertências que lhes foram feitas. Casaram-se fora da Igreja. Talvez ele fosse um bom homem. Talvez simpático, agradável. Talvez fosse culto e educado; mas não possuía a qualificação mais importante e que elas menosprezaram. Não fazia parte integrante do

reino; não era portador do sacerdócio, não possuía as ordenanças, nem a retidão que os conduziria à exaltação.

Não quero dizer com isso que todos os membros da Igreja sejam dignos e todos os não-membros indignos; porém, o casamento eterno não pode ser obtido fora do templo, e os não-membros ali não podem entrar. É claro que se podem tornar membros, se estiverem suficientemente interessados e o demonstrarem.

Sem a fé comum, o problema jaz à porta. Quando duas pessoas de padrões diferentes, de diferente visão da vida e formação diversa se unem, é algo muito difícil. Há exceções, mas a regra são agruras, tristezas e dificuldades. Diferenças religiosas implicam mais áreas de conflito. Surgem os choques entre a lealdade à Igreja com a lealdade familiar.

Paulo disse: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?" (2 Cor. 6:14.) Provavelmente Paulo desejava que vissem que as diferenças religiosas são fundamentais.

Divórcio

A ameaça de divórcio é muito maior nos casamentos realizados fora do templo. Estudando nossos próprios grupos, descobrimos que houve somente um divórcio para cada dezesseis casamentos selados no templo, enquanto houve um divórcio para cada 5,7 casamentos realizados fora do templo. Isto significa que a pessoa selada no templo tem uma probabilidade duas vezes e meia maior de ser feliz no casamento. (Pessoalmente, acho que a probabilidade é muito maior!) A felicidade usufruída por essas pessoas dá-lhes alegria e paz, além de pô-las, espiritualmente, no caminho da exaltação.

Não é só a ordenança em si, mas também a preparação antecipada e um profundo apreço pelo que ela representa produzem esse resultado. A retidão de sua vida, o senso de responsabilidade ao preparar-se para o casamento no templo, bem como a sagrada ordenança de selamento, combinam-se para tornar solenes os votos do casamento, santificar o relacionamento familiar, fortalecer permanentemente os laços de união, trazendo, como conseqüência, um casamento sólido e abençoado.

"Até que a morte os separe" ou para a eternidade?

Ora, uma vez que a vida é eterna — e isso é absolutamente certo — o verdadeiro casamento deve, também, ser eterno. Trata-se do acontecimento mais importante e do mais necessário. O casamento efetuado por oficiais civis, ou líderes religiosos locais é "até que a morte os separe", é para o tempo e termina com a morte. Somente o casamento celestial se estende além do túmulo. O casamento celestial é realizado nos templos sagrados, erigidos e dedicados para esse propósito especial. Somente essa união vence, transcende a sepultura, perpetuando o relacionamento entre marido e mulher, e entre pais e filhos.

A cerimônia civil extingue-se por completo com a chegada da morte. Isto é absoluto. O Senhor assim no-lo

declarou. Já ouvi mulheres dizerem: "Mas meu marido era um bom homem. Sei que seremos marido e mulher na eternidade." Embora sejam sinceras, estão erradas! Elas já tiveram sua oportunidade. Deus assim o disse! Ele apresentou-lhes seu programa, através de seus servos. Se as pessoas jamais ouviram falar do evangelho, nem tiveram oportunidade de aceitá-lo, a coisa é diferente. Poderão ouvi-lo no mundo espiritual, e as ordenanças poderão ser efetuadas vicariamente em seu favor, na terra, consolidando a união. Mas para nós, que ouvimos a palavra do Senhor, que temos as escrituras em nosso meio, que recebemos muitas evidências e testemunhos, que já fomos informados — amanhã será tarde demais! Poderemos ser anjos, se formos suficientemente justos. Mesmo solteiros, poderemos chegar ao reino celestial, mas somente como anjos ministradores.

Como vêem, não se trata apenas de retidão. Há dois elementos importantes, e a retidão sozinha não basta. É preciso retidão mais as ordenanças.

Qualquer um daria a volta ao mundo, se preciso fosse, para obter a ordenança de selamento, se compreendesse sua importância, se vislumbrasse sua grandeza. Distâncias, falta de dinheiro, qualquer circunstância, enfim, não seria obstáculo para impedir seu casamento no templo sagrado do Senhor.

Não há prevenção ou preconceitos nesta doutrina. Trata-se apenas de seguir um certo programa para atingir determinada meta. Se você deixar de seguir o programa, deixará de atingir a meta. É como na faculdade. Se você não se matricular, freqüentar as aulas, fizer as tarefas requeridas, jamais se formará. Logicamente, não vai esperar que um programa eterno seja menos rigoroso.

Moços e Moças Solteiros

Estou ciente de que há rapazes e moças que, aparentemente não tiveram êxito em encontrar sua realização total. Alguns fizeram missão; outros terminaram a faculdade. No entanto, ultrapassaram o período de maiores oportunidades para o casamento. O tempo se foi, e, embora ainda sejam atraentes, agradáveis, e tenham saúde e vigor, encontram-se sozinhos.

A vocês, dizemos: Estão fazendo uma grande contribuição ao mundo, servindo seus familiares, a Igreja e o mundo. Devem lembrar-se de que o Senhor os ama e a Igreja também. A vocês, irmãs nessa situação, podemos apenas dizer que não temos controle sobre o palpitar dos corações ou a afeição dos homens, mas oramos para que consigam realizar-se. E, nesse meio tempo, prometemo-lhes que, no que tange à eternidade, nenhuma alma ficará privada das ricas, enaltecedoras e eternas bênçãos referentes a qualquer coisa que não dependa da própria pessoa. O Senhor nunca deixa de cumprir suas promessas, e todos os que forem justos receberão, no final, tudo a que têm direito, e que não hajam perdido por negligência ou culpa própria. Incentivamos a ambos, homens e mulheres, que cuidem de sua aparência pessoal; mantenham-se informados do que acontece pelo mundo; conservem-se atraentes, mental, espiritual, física e, sobretudo, moralmente, para, então, dependerem quase que inteiramente

Incentivamos a ambos, homens e mulheres, que cuidem de sua aparência pessoal. Mantenham-se informados do que acontece pelo mundo; conservem-se atraentes, mental, espiritual, física e, sobretudo, moralmente, para, então, dependerem quase que inteiramente do Senhor quanto às promessas dessas bênçãos celestiais.

do Senhor quanto às promessas dessas bênção celestiais.

A Importância do Casamento

O casamento honroso, feliz e bem sucedido é, certamente, o objetivo mais importante de toda pessoa normal. O Senhor instituiu o casamento para a formação de um lar e posteridade felizes. Qualquer um que, propositadamente, evitar o casamento, não só é anormal, como também está frustrando seu próprio programa.

Insisto no termo *normal,* porque o Senhor mesmo estabeleceu a *norma,* trazendo juntos para esta terra Adão e Eva, os primeiros macho e fêmea, e realizando a sagrada cerimônia do casamento, para fazer deles marido e mulher. Ambos eram diferentes na aparência, tinham papéis distintos a desempenhar. Mal terminou de realizar a cerimônia, ele disse: "... Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a..." Gênesis 1:28.)

É normal casar-se, e é normal e apropriado ter filhos. Todas as pessoas deveriam desejar e planejar casar-se, porque isso é o que Deus, nos céus, planejou para nós. Este é o meio que ele providenciou.

Aquele que não deseja casar-se, não quer ter família, que diz: "Ora, eu não vou casar; não creio ser necessário", tem uma visão muito, muito curta.

É perturbador observar quão facilmente as pessoas deixam de lado esta responsabilidade do casamento. Muitas pessoas, hoje em dia, conforme se lê nas revistas e jornais, juraram jamais casar-se. Acharam mais fácil e simples morar sozinhas e não ter responsabilidades. Eis porque jamais crescerão o suficiente para se tornarem deuses na eternidade.

Certa jovem nos escreveu, dizendo que o rapaz com quem saía de vez em quando não estava interessado em casamento. Parece-me que, em nossa sociedade, os rapazes não têm muita desculpa para não encontrarem uma companheira adequada. Eles têm a opção, podem escolher.

Certo jovem, presidente de um quorum de élderes, afirmou que estava muito ocupado para casar-se. Estamos contentes que esteja ocupado. Mas nenhum homem é tão ocupado, que não possa assumir suas responsabilidades matrimoniais — nenhum homem, seja ele o presidente do quorum de élderes ou outra coisa qualquer.

Outro rapaz recebera, em sua bênção patriarcal, a promessa de que o casamento viria logo, e, então, não fez grande esforço para casar-se. Quero dizer que nenhuma bênção

Aquele que não deseja casar-se, não quer ter família, que diz: "Ora, eu não vou casar; não creio ser necessário", tem uma visão muito, muito curta. Qualquer um que propositadamente evitar o casamento está frustrando seu próprio programa.

patriarcal que receberem se cumprirá, a menos que façam a sua parte.

Outro moço afirmou que, antes de mais nada precisava terminar os estudos. Porém, não é necessário que alguém termine sua educação secular para casar-se. Muitos homens terminaram a faculdade depois do casamento, e suas esposas lhes foram de grande ajuda.

Um jovem disse que esperava alcançar exaltação no reino celestial como mensageiro do Senhor, sem ter de casar-se. Ele não compreende. Ninguém que rejeite o convênio do casamento celestial pode alcançar exaltação no reino eterno de Deus.

"Na glória celestial há três céus ou graus:

"E para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar nesta ordem do sacerdócio [significando o novo e eterno convênio do casamento];

"E, se não, não poderá obtê-lo.

"Poderá entrar no outro, mas esse será o fim do seu reino; ele não poderá ter progênie." (D&C 131:1-4.)

Ele não poderá ter filhos! Não poderá ter exaltação!

E o Senhor prossegue, na seção 132 de Doutrina & Convênios:

"... A ninguém é permitido rejeitar este convênio e entrar na minha glória." (D&C 132:4.)

Ninguém! Não importa sua retidão, quão inteligentes ou bem treinados tenham sido. Ninguém entrará na glória mais elevada, a menos que aceite o convênio, e isto significa o novo e eterno convênio do casamento.

Estas são as palavras do Senhor, ditas a nós, diretamente.

"... E, no que diz respeito ao novo e eterno convênio, foi instituído para a plenitude de minha glória; e aquele que recebe de sua plenitude deve guardar e guardará a lei...

"Portanto, quando estiverem fora deste mundo, não se casam nem são dados em casamento, mas são designados anjos nos céus, servos ministradores [poderão ser dignos e justos, mas serão servos ministradores] para ministrar por aqueles que são dignos de uma maior, suprema e eterna medida de glória.

"Pois estes anjos não guardaram a minha lei; portanto, não podem progredir [ou seja, ter progênie], mas permanecem separados e solteiros, sem exaltação no seu estado de salvação por toda a eternidade; e portanto, não são deuses, mas anjos de Deus para todo o sempre." (D&C 132:6, 16-17.)

Alguns poderão dizer: "Bem, ficarei satisfeito em ser um anjo", mas não ficarão. Ninguém jamais ficará

satisfeito sendo apenas um anjo ministrador, aguardando ordens de outros, quando poderia ser, ele mesmo, o rei.

Assim sendo, repetimos: É normal casar-se. Deus assim determinou desde o princípio, muito antes de serem formadas as montanhas desta terra. Lembrem-se: "...Nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor." (1 Cor. 11:11.)

O Presidente Lorenzo Snow demonstra a importância do casamento celestial: "Quando dois santos dos últimos dias se unem através do casamento, são-lhes feitas promessas referentes a sua posteridade, as quais vão de eternidade em eternidade. É-lhes prometido que terão o poder e o direito de governar, controlar e administrar salvação, exaltação e glória a seus descendentes, mundos sem fim. E a progênie que não tiverem aqui, indubitavelmente terão oportunidade de ter no porvir. O que mais pode o homem desejar? Um homem e uma mulher, na outra vida, dotados de corpos celestes, livres de moléstias e da morte, investidos de glória e beleza acima de qualquer descrição, postados em meio a sua posteridade, governando-a e controlando-a, administrando vida, exaltação e glória, mundos sem fim!" (Lorenzo Snow, *The Deseret Weekly*, 3 de abril de 1897, p. 481.)

Vocês conseguem conceber a vastidão desse programa? Podem começar a compreendê-lo? Porém, lembrem-se disto: A exaltação é disponível somente àqueles que se tornam membros justos do reino de Jesus Cristo, somente aos que obtêm seus endowments e são selados para a eternidade, assim como para o tempo, e que continuam a viver em retidão. Isto não é interpretação dos homens. É o programa de nosso Pai Celestial, claramente descrito nas escrituras. Não é uma formalidade fútil, nem ritual sem vida. Se não compreendemos, é evidência de que precisamos achegar-nos ao nosso Pai Celestial, para que possamos entender, porque as coisas de Deus são discernidas pelo Espírito de Deus.

O programa do Senhor é inalterável. Suas leis são imutáveis. Não serão modificadas. Sua opinião ou a minha não farão diferença alguma, e não irão alterar as leis. Muitos no mundo pensam que o Senhor, no final, será misericordioso e lhes dará bênçãos imerecidas. A misericórdia não pode roubar a justiça. Professores universitários não lhes darão o grau de doutor após algumas aulas na faculdade; assim também o Senhor não pode ser misericordioso às expensas da justiça. Nesse programa, infinitamente mais importante receberemos exatamente o que merecermos. Não se arrisquem, de modo algum.

Certifiquem-se de que seu casamento é o certo. Assegurem-se de que sua vida esteja certa. Tenham certeza de que sua parte, no casamento, é levada avante de modo adequado.

Oro para que o Senhor abençoe todos de nosso povo, à medida que encaram as decisões normais, antes e depois do casamento. E presto testemunho de que nosso Pai Celestial será nossa maior fonte de força e auxílio em todas essas decisões importantes, que afetam tão diretamente nossa felicidade e realização.

O Sacerdócio Preparatório

Especializa-se na prática

Marvin Kent Gardner

Quando Wilford Woodruff, então um sacerdote no Sacerdócio Aarônico, fazia missão nos estados de Arkansas e Tennessee, nos Estados Unidos da América, em 1834, sua vida foi poupada dramaticamente pelo poder divino, e ele foi abençoado, com freqüência, com a administração de anjos. Testificando, mais tarde, da magnitude do poder do Sacerdócio Aarônico, disse:

"Ninguém deve envergonhar-se de qualquer porção do sacerdócio... Não faz diferença alguma se um homem é sacerdote ou apóstolo, desde que magnifique seu chamado. O sacerdote possui a chave da administração dos anjos. Jamais em minha vida, como apóstolo, setenta ou élder, tive mais proteção do Senhor, do que durante o tempo em que portei o ofício de sacerdote. O Senhor

mostrou-me por visões, revelações e pelo Santo Espírito, muitas coisas que me esperavam." (**The Discourses of Wilford Woodruff**, ed. G. Homer Durham, Salt Lake City; Bookcraft, 1946, pp. 298, 300).

O Sacerdócio Aarônico, portado em geral pelos rapazes de doze a dezoito anos de idade, vigora ainda hoje. A majestade do ofício e a dignidade do poder sacerdotal permanecem inalteradas.

Treinamento do Sacerdócio

Quando os moços usam seu sacerdócio, realizam um importante serviço dentro da Igreja. Todavia, o que é mais importante, aprendem o valor do poder do sacerdócio.

Por exemplo, quando Kenneth Miklya se converteu ao evangelho, os sacerdotes do quorum da Ala 1 de St. Paul, Minnesota, cuidaram de todas as providências quanto ao serviço batismal, sob a direção do bispo. Um sacerdote de dezessete anos dirigiu a reunião, outro apresentou uma mensagem espiritual apropriada para a circunstância e um terceiro oficiou o batismo. Nos meses subseqüentes, Ken recebeu o Sacerdócio Aarônico e foi ordenado diácono, mestre e sacerdote — tudo isso pelas mãos de seus companheiros do quorum de sacerdotes. "Foi uma experiência significativa para todos os rapazes participantes", disse Thomas A. Holt, da Estaca St. Paul Minnesota. "O sacerdócio tornou-se uma realidade para eles. A maior parte desses rapazes está em missão, atualmente."

O Sacerdócio Aarônico também auxilia os jovens na preparação para receberem o Sacerdócio de Melquisedeque. Um valioso treinamento em serviço é oferecido aos diáconos, mestres e sacerdotes. O **Guia para o Quorum do Sacerdócio Aarônico**, utilizado em sessões de treinamento de vinte a trinta minutos, durante as reuniões semanais da presidência do quorum, fornece informações úteis a respeito de tópicos, tais como: presidir o quorum, delegar e fazer acompanhamento, ensinar e ativar os membros do quorum e prepará-los para a missão.

São eficientes essas sessões de treinamento?

Sim, é o que dizem os rapazes e seus líderes do sacerdócio. Randy Beddes, um sacerdote de Lovell, Wyoming, lembra-se de que, quando era presidente do quorum de diáconos, tentou fazer tudo sozinho — planejar todas as atividades especiais, tomar todas as providências, dirigir o programa inteiro. "Mas aprendi que há um jeito melhor de se fazer as coisas", diz ele. Agora, como primeiro assistente do bispo no quorum de sacerdotes, faz designações a outros, dá

instruções claras sobre o que espera das pessoas e provê oportunidade de acompanhamento. "Realizamos muito mais agora", diz Randy, "e há muito mais pessoas participando."

Esse tipo de treinamento de liderança é tão valioso, afirma o Irmão Neil D. Schaerrer, ex-presidente geral da organização dos Rapazes, que seria bom que todos os rapazes tivessem a oportunidade de servir em cada um dos postos de liderança do Sacerdócio Aarônico. O Irmão Schaerrer tentou implantar essa prática, quando serviu em um bispado; descobriu que a freqüência melhorou e que os jovens aceitaram condignamente essas oportunidades de liderança.

"É claro", diz ele, "que as presidências devem ser chamadas através de inspiração. Mas, se todos os rapazes puderem ser preparados para servir nesses ofícios, terão vários meses consecutivos de experiência em liderança, antes de sair de cada quorum. Aprendem mais a respeito de liderança, serviço e testemunho — tudo coisas que irão ajudá-los quando partirem em missão, como portadores do Sacerdócio de Melquisedeque.

A Preparação para o Serviço Missionário

Como indica o Irmão Schaerrer, a preparação missionária inicia-se desde cedo, no Sacerdócio Aarônico, e os líderes em toda a Igreja têm feito sua parte no sentido de aumentar o número de missionários. Por exemplo, o Bispo Willard R. Phillips, da Ala de Clovis, Estaca Rowell, Novo México, preenche um formulário de recomendação de missionário ao entrevistar todo diácono pela primeira vez. Faz com que o garoto saiba que ele (o bispo), o profeta e o Senhor, esperam que se prepare para uma missão. Anualmente, então (duas vezes ao ano para os sacerdotes), examina o formulário com cada um, e debate os requisitos necessários.

O Bispo Don A. Florian, da Ala de Southington, Estaca Hartford Connecticut, tem um fichário para assegurar que cada jovem seja orador na reunião sacramental, pelo menos duas vezes por ano; e ele incentiva os moços a ganharem dinheiro e economizarem-no para a missão.

Além disso, mantém seus sacerdotes em estreito contato com os missionários de tempo integral, designados para trabalhar em sua ala. Observando os padrões missionários no vestir, os sacerdotes ensinam e batizam conversos.

Temos "...a necessidade de prover contínuas oportunidades significativas aos nossos jovens, para que cresçam através do servir. Em geral, os jovens não se tornam inativos na Igreja por lhes terem dado muitas coisas significativas para fazer."

O ensino familiar também inspira os rapazes a fazer missão. Por exemplo, antes de sua missão, Paul Nielsen, de Provo, Utah, serviu como companheiro júnior de seu pai, visitando três famílias inativas. Após receber seu chamado e encaminhar-se para o Centro de Treinamento Missionário, Paul soube que uma das famílias já havia ido ao templo e fora selada. "Essa foi minha maior motivação para esforçar-me e realmente aprender o espanhol e as palestras", disse ele. "Minha primeira experiência missionária foi tão grandiosa, que estava decidido mais do que nunca a ser um bom missionário."

Oportunidades de Serviço

Um dos objetivos principais dos quoruns do Sacerdócio Aarônico é oferecer oportunidades de serviço significativo. O **Guia para o Quorum do Sacerdócio Aarônico** auxilia no treinamento das presidências, a fim de que planejem e levem a cabo essas atividades do quorum.

Por exemplo, o quorum de mestres da Ala 1 de Grandview, Estaca Salt Lake Wilford, estabeleceu um projeto de prestação anônima de serviço a outros — uma idéia que entusiasmou até mesmo os membros mais arredios do quorum. Certa ocasião, quando o presidente dos rapazes da ala estava cavando um depósito subterrâneo, os rapazes terminaram o trabalho de escavação no meio da noite, e deixaram seu cartão de visita: a silhueta de um homem, com a gola do casaco levantada e chapéu abaixado, com os dizeres "Os Fantasmas da Ala de Grandview".

Também assavam pães e tortas — com a ajuda das mães — e os deixavam na soleira dos vizinhos. Limpavam a neve das calçadas e enviavam cartões às pessoas doentes. O atarefadíssimo presidente do quorum dos mestres logo recebeu uma recompensa concreta quando um dos membros lhe consertou secretamente a bicicleta, deixando somente o cartão dos "Fantasmas" como explicação.

O Bispo Michael Moeller, da Ala 11 de Tucson, Arizona, afirma que seus sacerdotes apreciam muito a prestação de serviço regular aos inválidos. Aos domingos, visitam pessoas que não podem sair de casa e realizam um pequeno serviço sacramental, além do contato social. "Isso ajuda os rapazes a compreenderem a seriedade de seu chamado", diz o Bispo Moeller, "e beneficia os idosos e doentes."

Participando de experiências significativas de serviço, aprendem a ser altruístas. Dale Draper, um mestre de quatorze anos de Payson, Utah, gosta das recompensas do sacrifício. "É maravilhoso", diz ele, "ter a sensação de que você está trabalhando para o Senhor."

Benefícios Adicionais

O Sacerdócio Aarônico pode, também, influenciar outras áreas da vida de um jovem. Bart McKnight, um sacerdote de dezessete anos de Nampa, Idaho, acha que o sacerdócio aprofunda seu relacionamento com o pai. "Falamos muito sobre o sacerdócio, a respeito de como eliminar a tentação de nossa vida e de como confiar no Senhor." E acrescenta: "E então fica mais fácil falar sobre outras coisas... Ele é meu amigo."

As experiências do Sacerdócio Aarônico podem, também, ajudar os rapazes a se prepararem para o casamento e a paternidade. De fato, quando um rapaz aprende técnicas de liderança, missionárias e de serviço, aprende a ser altruísta, a se dar bem com os outros, a ser responsável e digno de confiança — fatores esses vitais para seu futuro desempenho das funções patriarcais.

Será que tudo isso seria pedir demais dos jovens e quoruns do Sacerdócio Aarônico?

Não, é o que diz o Presidente Spencer W. Kimball. Temos "...a necessidade de prover contínuas oportunidades significativas aos nossos jovens, para que cresçam através do servir. Em geral, os jovens não se tornam inativos na Igreja por lhes terem dado muitas coisas significativas para fazer. Nenhum moço que realmente viu por si mesmo como o evangelho funciona na vida das pessoas, se afastará de seus deveres no reino, deixando-os por fazer...

Estamos criando uma geração real... que tem coisas especiais a cumprir." (**Os Rapazes Precisam de Heróis Junto de Si**, *A Liahona*, agosto de 1976, p. 39.)

No Lugar do Bom Pastor

Darla Larsen Hanks

Margarida abriu pesadamente os olhos ante o choro do bebê. "Mas que hora para eu apanhar um resfriado", pensou, enquanto sentia todos os músculos doloridos e a cabeça pesada como chumbo. Seu marido estava em viagem de negócios e ela sabia que ambos os filhos estavam com fome. Residia havia pouco tempo na cidadezinha e não tinha familiares, nem amigas íntimas, a quem pudesse pedir ajuda. E ainda por cima não tinha telefone.

Levantou-se e foi, aos trancos e barrancos, preparar o desjejum para os filhos; mas o esforço quase a fez chorar. Quando, finalmente, pôde voltar para a cama, já ardia em febre e tinha calafrios. Martinho, de dois, e Carlos, de um ano, pequenos demais para compreenderem a situação, logo estavam pulando em cima dela, querendo brincar.

Na metade da manhã, os problemas de Margarida já haviam aumentado, pois Carlos apresentava sintomas semelhantes aos seus, mostrando-se irritadiço e exigente. Quanto mais a febre subia, mais seu ânimo fraquejava. "Como poderei cuidar de uma criança doente", pensou, "quando sinto que também preciso de alguém que cuide de mim?"

Ouviu baterem à porta e sentiu um grande alívio, pois pensou que, se alguém soubesse de sua situação, ofereceria ajuda.

Levando Carlos ao colo, e com Martinho agarrado ao seu roupão, arrastou-se até a porta. A visitante era a Irmã Célia, membro ativo da ala, e que se mostrara muito amigável durante a Sociedade de Socorro, na semana anterior.

— Olá, Irmã Célia, estou contente por vê-la! — As palavras de Margarida atropelaram-se. — Não me sinto bem, e acho que o Carlos também está ficando gripado, — continuou.

— Que pena, lamento saber disso, — disse a Irmã Célia. — Vim só pedir-lhe que me ajude na aula da Sociedade de Socorro da próxima semana. Como você sabe, sou a professora de Relações Sociais, — entregando-lhe uma pequena folha de papel contendo algumas linhas datilografadas.

— Certamente, — murmurou Margarida, cabisbaixa.

A Irmã Célia prosseguiu no mesmo tom descuidado: — Muito obrigada, e acho que agora preciso ir andando. A Irmã Mariana e eu estamos fazendo nossas visitas de professoras visitantes. Espero que você melhore. Até logo.

O orgulho impediu Margarida de dizer algo mais que um polido "até logo", enquanto fechava a porta.

Caminhou, ainda estupefata, até a sala de estar e sentou-se no sofá, com o bebê. Tentando não chorar, Margarida olhou o papel já amassado, em suas mãos trêmulas. O cabeçalho, em maiúsculas, dizia: "APASCENTA MINHAS OVELHAS". (V. João 21:16.)

A incongruência das palavras e a atitude da Irmã Célia em relação à mensagem fizeram-na rir e chorar ao mesmo tempo.

Quantas vezes durante o dia deixamos de reconhecer e atender às reais necessidades daqueles a nossa volta? Quantas das ovelhas do Salvador vão deitar-se, à noite, sem comida, por causa de erros em nossas prioridades? Enquanto todos corremos a oferecer nosso auxílio, numa emergência, muitas vezes deixamos passar despercebidas as crises menores na vida dos outros — crises essas que não são menos reais, críticas ou

importantes, por serem menos dramáticas. Muitos de nós nos preocupamos tanto com os programas bons e estruturados da Igreja, que nos tornamos insensíveis às oportunidades inesperadas de satisfazer essas também reais necessidades humanas. Enquanto nos damos por satisfeitos com as coisas boas que fazemos, nossa definição básica de fazer o bem pode permanecer tristemente incompleta.

Vários anos atrás, durante uma aula do Instituto de Religião na Universidade de Utah, um excelente professor apresentou uma lição muito motivadora. Fez com que os alunos elaborassem uma lista de todas as coisas que julgavam estar fazendo, para, de fato, viverem o evangelho. A maior parte das listas continha respostas estereotipadas, do tipo: "Assisto a todas as reuniões regularmente", "vivo a Palavra de Sabedoria", "estudo as escrituras", "oro regularmente" etc. O professor, então, ressaltou habilmente que quase todas as atividades enumeradas são, em geral, apenas preparativos para se viver o evangelho, e não, necessariamente, evidência de que o estamos vivendo.

Escutar muitas mensagens ou discursar e dar aulas nas reuniões da Igreja, não é evidência de retidão, a menos que nossas ações espelhem os princípios que ouvimos e ensinamos. Se assistirmos a cem aulas sobre honestidade, mas acharmos que é "impraticável" ser totalmente honestos e verdadeiros em nossos negócios, qual a vantagem do tempo despendido na Igreja?

Se vivermos a Palavra de Sabedoria ao pé da letra, apenas para usá-la como medida para "provar" nossa superioridade em relação aos que não a observam, ou se nosso conhecimento escriturístico for apenas enciclopédico, ao passo que nossas ações são frias e intolerantes, em que diferimos dos fariseus?

Até mesmo o hábito de orar regularmente não nos coloca na categoria de seguidores ativos de Cristo, a menos que essas preces sejam verdadeiramente comunicações com o Senhor, resultando em força e orientação para levar avante sua obra. As orações mais fervorosas, implorando alívio para os doentes e aflitos serão meras palavras, se nos mantivermos tão ocupados a ponta de ignorarmos um filho que deseja que o escutemos ou um vizinho doente que necessite de nosso auxílio.

Não é suficiente apenas ler, ouvir, assistir a reuniões e dar boa impressão aos outros. O mais importante é a ação positiva em favor e juntamente com os filhos do Senhor. No livro de Tiago, lemos: "...Sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes..." (Tiago (1:22.) **Cumprir** a palavra de Deus significa importar-nos o suficiente com os que se acham a nossa volta, a ponto de verdadeiramente participarmos, perscrutando seus corações e não somente olhando as aparências exteriores e as falhas. Significa interessarmo-nos o bastante, a fim de modificar nossas programações, sacrificar nossas conveniências, deixar de comparecer a um encontro, se necessário, para socorrer alguém que necessite.

Logicamente é importante obedecer à letra da lei, e essa atitude pode conduzir-nos a obter o espírito da lei. Como disse o Salvador: "...deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas". (Mateus 23:23.)

Muitos santos dos últimos dias já tiveram experiências que ilustram como vi-

das são modificadas em virtude das possibilidades desse tipo ativo de cuidado. A história a seguir é verdadeira, apenas os nomes foram substituídos.

O dia da Irmã Laura fora longo e sobrecarregado de conferências, viagens e outros pormenores. À noite, ela deu uma palestra sobre moral às moças da Estaca de Long Beach. Uma garota, Júlia, ficou particularmente perturbada e chocada com a mensagem.

Terminada a reunião, a Irmã Laura viu-se rodeada pelas moças, que desejavam falar-lhe. Júlia ficou sentada sozinha hesitando unir-se às outras, mas, ao mesmo tempo, relutante em sair. Permaneceu sentada na última fileira, enquanto as demais saíam. Já era tarde. A Irmã Laura estava cansada e ansiosa de regressar à casa e encontrar a família, e o caminho a percorrer era longo.

Escutar muitas mensagens ou discursar e dar aulas nas reuniões da Igreja não é evidência de retidão, a menos que nossas ações espelhem os princípios que ouvimos e ensinamos.

Os líderes da estaca já estavam apagando as luzes e fechando a capela. Júlia continuava indecisa e nervosa; ameaçou sair várias vezes, enquanto a Irmã Laura arrumava suas coisas. De repente, voltou-se com um tom de urgência em sua voz: — Por favor, Irmã Laura, poderia falar-lhe? — A Irmã Laura esqueceu-se de quão cansada estava; tomou Júlia pelo braço, e ambas saíram e sentaram-se nos degraus da frente da capela, observando o último dos líderes sair. Então Júlia contou seu caso. Estava a ponto de cometer um grave ato que afetaria permanentemente sua vida. O conselho e ajuda da Irmã Laura impediram a consumação do erro.

Júlia residia a oitenta quilômetros de distância, na direção oposta da casa da Irmã Laura, de sorte que esta teve de rodar cento e sessenta quilômetros a mais, a fim de levar a garota para casa, naquela noite.

Ela valeu-se de cada quilômetro para escutar Júlia externar o que sentia, expressar sua empatia e fazê-la entender a seriedade do que pretendia fazer. Quando Júlia saiu do carro, prometeu à Irmã Laura que falaria com os seus pais sobre o problema, e que nunca mais se poria em situação semelhante.

Poucos anos mais tarde, comparecendo a uma sessão no Templo de Los Angeles, a Irmã Laura surpreendeu-se com uma noiva radiante que correu e abraçou-a. — Não se lembra de mim, não é?, — perguntou-lhe a noiva. — Sou Júlia, a garota que você salvou de um sério erro há cinco anos atrás, em Garden Grove. Irmã Laura, foi por você ter despendido seu tempo para me escutar e ajudar naquela noite que estou aqui, para casar-me da maneira correta.

As alegrias de se apascentar as ovelhas são grandes, e maior ainda a necessidade de pastores humildes. "...Sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes..." (Tiago 1:22.)

Perguntas e Respostas

Perguntas de interesse geral do evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamentos oficiais da Igreja.

Fui ensinado a orar, mas parece que nem sempre recebo respostas. Tenho fé e acho que sou digno. Que devo fazer?

Lindsay R. Curtis, presidente da Missão Califórnia-Oakland.

Sua pergunta é bem comum. Creio que todos já enfrentamos o problema de "orações não respondidas". Trata-se de uma situação difícil. Geralmente não nos preocupamos se nossas orações são ou não respondidas, se tudo está bem. É quando temos problemas, necessidades especiais, que buscamos, com alguma intensidade, obter respostas às nossas preces. E quando elas não aparecem, nossa necessidade parece aumentar.

É natural pensarmos nessas ocasiões: "Onde estás, Pai Celestial? Estás-me ouvindo?"

Podemos responder a essas perguntas, recordando-nos de que Deus é constante. Ele age segundo princípios preestabelecidos e não de maneira imprudente ou por capricho. Também devemos lembrar-nos de que ele prometeu que não nos deixaria abandonados.

Assim, parece-me que, se não obtemos respostas às nossas orações, o problema está na forma de pedir e não no Senhor.

Quais são alguns problemas que podem impedir-nos de receber resposta? Um deles é que pedimos *impacientemente*. Esperamos, por vezes, que o Senhor nos dê respostas imediatas. Ele, porém não nos prometeu isso — e, às vezes, a retarda para nosso próprio bem. Às vezes, quando o Senhor não nos responde de imediato — ou dentro de um dia, uma semana ou um mês — presumimos que ele não as responderá nunca. Este, evidentemente, é um erro grave. Enquanto perseverarmos na oração, teremos a promessa de uma resposta. Mas nunca nos foi prometida uma resposta a petições que não fazemos, nem temos a promessa de uma resposta imediata.

Um segundo problema é que não *escutamos*. Nossos sentidos são sempre bombardeados por outras informações: ajoelhamo-nos para orar e sentimos o assoalho sob nosso joelho e os braços cruzados sobre o peito; um caminhão passa na rua; a chuva bate na janela; o relógio soa alto no canto. Não é de admirar que haja dificuldade para encontrar-se a quietude espiritual necessária, a fim de ouvir as coisas que o Senhor nos tenta dizer. Mas podemos tornar as coisas ainda piores, se deixarmos de fazer um esforço real para escutar. Proferimos nossas orações, mesmo com sentimento e sinceridade, e então, imediatamente nos erguemos e deitamos na cama, levantamo-nos

no dia seguinte e corremos para o trabalho, vamos para casa e conversamos com a família sobre outros assuntos.

Como pode o Senhor fazer-se ouvir em tais condiçeõs? É preciso prática e paciência para aprender a receber comunicação espiritual no melhor das circunstâncias. E novamente, a dificuldade não está no Senhor, e sim, em nós. Creio que ele deseja dar respostas mais liberalmente mas, se não estivermos ouvindo, ou se não estivermos em sintonia com ele, poderemos não *captar* ou entender a resposta. Então achamos que o Senhor não está sequer ouvindo, quando o problema real é que nós não estamos escutando.

Podemos aprender a ouvir, tentando livrar-nos das interferências externas — bem como das internas — e despendendo tempo apenas para sentir o Espírito.

O que mais devemos considerar na tentativa de recebermos respostas às orações? Primeiramente, não devemos esperar que o Senhor faça todo o trabalho por nós. Oliver Cowdery recebeu uma revelação especial do Senhor, ensinando-lhe esse princípio: "Eis que não compreendeste", foi-lhe dito. "... Tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir." (D&C 9:7.)

Então o Senhor explicou o processo: Devemos, primeiramente, estudar o problema (ponderar em nossa mente), considerar os diversos fatores envolvidos e tomar uma decisão. A seguir, dirigimo-nos ao Senhor buscando sua aprovação, nova diretriz ou conselho.

Segundo, é preciso cuidado para não pedir o que não devemos pedir. (V. D&C 8:10.) Às vezes pedimos coisas que podem não ser de nosso melhor interesse. Em tais casos, o Senhor é muito bondoso, deixando de atender nossas petições. Porém, quando desejamos demais alguma coisa, muitas vezes nada ouvimos, a não ser a resposta que queremos. E já que o Senhor não nos dará algo sabidamente prejudicial, pensamos que ele não está respondendo.

Terceiro, precisamos ter o desejo de trabalhar para que as respostas surjam. Se oramos para nos livrarmos de dívidas, e, então, sentarmo-nos à espera de que alguém apareça, miraculosamente, com a importância de que necessitamos, provavelmente ficaremos desapontados. Se orarmos para livrar-nos de dívidas, devemos estar dispostos a trabalhar arduamente, e sermos hábeis o bastante para que tal aconteça. Quando os missionários oram, a fim de serem conduzidos até aos honestos de coração, devem estar dispostos a dar os passos necessários na direção indicada. Se uma pessoa ora para receber testemunho, deve fazer a sua parte, estudando e guardando os mandamentos.

Quarto, precisamos aprender a reconhecer as respostas quando vêm. Alguém pode fazer tudo o que foi descrito acima e ainda assim não escutar o que o Senhor lhe tenta

dizer. Parte da dificuldade pode estar no fato de se não conhecer a voz do Senhor; talvez a pessoa não conheça a sensação de se ter a oração respondida, e, assim, não reconhece a resposta quando ela vem.

As orações são respondidas de muitas maneiras. Joseph Smith recebia visitas celestiais com freqüência. Moisés ouviu uma voz saindo da sarça ardente. Algumas pessoas sonham. Devo confessar que nunca tive visões, sonhos, nem sequer ouvi uma voz falando-me de alguma parte. Mas posso identificar-me com Enos, que disse: "E enquanto estava assim lutando em espírito, eis que a voz do Senhor veio... à minha mente..." (Enos 10.)

Este é o modo como o Senhor, geralmente, responde às minhas orações.

Talvez ele saiba ser esta a maneira para a qual estou melhor preparado.

A outra ele responde de outras maneiras. A Oliver Cowdery, falou de um sentimento semelhante a um ardor no peito. (V. D&C 9:8.) Esse sentimento surge de modo diferente, a pessoas distintas, pelo que pude saber. Para alguns, é um sentimento cálido, dentro do peito. Para outros, uma sensação de regozijo e estímulo. Outros ainda recebem essa resposta de maneira diferente.

Devemo-nos lembrar, entretanto, de que ardor no peito não é o método de resposta às orações que o Senhor mais menciona. Nas revelações a Joseph Smith, Oliver Cowdery e Hyrum Smith, o Senhor fala a respeito de responder a orações mediante iluminação da mente, pronunciar paz à mente, falar à pessoa "na mente e no coração", encher a alma de alegria. (V. D&C 6:15, 23; 8:2; 11:13-14.) Ele nos falará da maneira mais eficaz para nossas próprias condições. Precisamos aprender a reconhecer como nos sentimos, quando o Espírito está conosco, e quando se nos manifesta.

Às vezes, a resposta é *não*. Podemos receber tal resposta em forma de "estupor de pensamento" (V. D&C 9:9); ou então, através de uma sensação de melancolia, inquietude, incômodo ou mal-estar.

Temo estar transformando tudo isso em algo complicado demais. Na verdade, não é, uma vez que aprendamos. Quando buscamos em retidão ajuda e conselho do Senhor, tendo em mente os princípios aqui considerados, aumentamos nossa capacidade de receber e interpretar as respostas a nossas preces.

Nosso Pai não é um ser cruel, desinteressado. Ele nos ama; deseja que progridamos e nos desenvolvamos. E se mostra disposto a responder as nossas orações. E prometeu-nos, através de Tiago, irmão de Jesus: "E, se algum de vós tem falta de sabedoria (ou necessita de conforto, busca orientação, precisa de auxílio, a fim de romper as cadeias do pecado, deseja ajuda divina), peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.

"Peça-a, porém, com fé, não duvidando..." (Tiago 1:5-6.)

O Kin Yan Cante

Yvonne P. Rempp

Experiências reais, contadas em forma de ficção. O nome de minha mãe significa "Coração Gentil". Ela me ensinou as lições mais importantes de minha vida.

O Kin Yan Cante era o nome de minha mãe. Significa "Coração Gentil" na língua de meu povo, embora a maior parte das pessoas em nossa cidadezinha no Estado de Nevada a conhecesse como Virgínia. Seu nome indígena cabia-lhe perfeitamente. Ela era calma como uma manhã de primavera antes da alvorada, persistente no cumprimento das tarefas que se dispunha a realizar e pensava sempre no que poderia fazer para ajudar outros. Quão grata era ela pelo dom da vida!

Meu pai, um homem branco, já falecera muitos anos antes; e minha mãe, sem nenhuma educação secular, teve de lutar arduamente por nossa sobrevivência. Era nossa pobreza e não o casamento de nossos pais, que nos distinguia. Havia muitas famílias como nós e as outras pessoas na cidade eram amigáveis, cordatas, e, de modo geral, não faziam distinção de classes.

Uns doze anos atrás, missionários trouxeram a mensagem que afetou o coração gentil de O Kin Yan Cante, dando-lhe tal compreensão e entendimento, que mesmo sua fisionomia se modificou. A atmosfera de paz e amor que ela traz consigo é distinta e preciosa.

Evidenciava-se até em seu trabalho. Às segundas-feiras, ela limpava a casa das senhoras Wilson, Brown e DeCroy. Às terças, passava roupa para as senhoras

Draper e Blackburn. Mas nas quartas, ela ia à casa da Sra. Price. A Sra. Price era semi-inválida devido a um derrame sofrido há vários anos. Além disso, era muito pobre. Todas as semanas, ela dizia: "— Vou pagá-la na semana que vem." Minha mãe, invariavelmente, respondia: "— A senhora deu-me demais na semana passada, e ainda lhe devo trabalho. Não me amole com dinheiro agora." Sei que minha mãe nunca recebeu nada pelo trabalho que lá fazia, mas explicou-me, gentilmente, que a Sra. Price necessitava de ajuda, e ela precisava salvaguardar-lhe o orgulho, ao mesmo tempo. O Kin Yan Cante fazia ambas as coisas.

A quarta-feira era um dia especial também por outra razão: havia reunião da Sociedade de Socorro. O Kin Yan Cante apreciava muito o contato com as irmãs, e se maravilhava: — Imagine só, eu, que nunca fui à escola, sentada ao lado de pessoas capazes de falar sobre um lugar tão distante como o céu! Sinto-me importante quando vou a essas reuniões, e depois que saio de lá." E durante a semana inteira, ficava cantarolando a música ouvida na Sociedade de Socorro.

Nas quintas-feiras, O Kin Yan Cante limpava o depósito dos fundos da única loja de nossa cidade. Mudar os sacos e caixas de lá para cá e vice-versa acabava com as costas, mas rendia-lhe mais dinheiro que todos os outros empregos — o suficiente para comprar nossa comida.

Às sextas-feiras, ela costurava e remendava roupas para os outros. Aos sábados, assava pães e bolos para festas. O domingo era seu dia de descanso, e, à tarde, entre a Escola Dominical e as reuniões sacramentais, escutava atentamente, enquanto eu lia para ela. Gostaria, hoje, de poder ter sido mais sensível à sua fome de conhecimento.

Talvez minha maior tentação na vida foi o dia em que uma garota na escola me perguntou, casualmente, quem era a lamanita que andava em minha companhia. Era minha mãe; repentinamente, descobri que eu podia passar por mulher branca. Não menti, mas respondi com uma evasiva: — Oh, aquela é O Kin Yan Cante, — e mudei de assunto.

Esse conhecimento continuava em algum canto de minha memória no dia em que arrumei minhas coisas para freqüentar a escola de enfermagem na Cidade do Lago Salgado. Poder estudar fora um sonho apenas, para mamãe; ver que se transformava em realidade para mim era algo emocionante para ambas. Esforcei-me muito e gostei da escola; quando surgiu uma oportunidade de trabalhar no departamento de obstetrícia durante o verão, aproveitei-a, e O Kin Yan Cante concordou — embora eu soubesse o quanto ela ansiava por ver-me. O trabalho significava dinheiro suficiente para pagar minhas despesas durante o ano inteiro.

No outono, outra família de nossa cidade vinha trazer a filha para estudar no colégio. Todos insistiram que O Kin Yan Cante os acompanhasse. Haveria espaço suficiente para ela, na casa dos parentes, em Lago Salgado, onde iriam alojar-se. A relutância em aceitar o convite foi vencida pelo desejo de ver-me.

Mas meu desejo de vê-la foi quase vencido pela relutância em deixar que outros nos viessem juntas. Carecendo de autoconfiança, jamais mencionara ser meio índia, muito embora uma das meninas mais populares da escola — e boa amiga minha — era uma lamanita do Arizona.

O Kin Yan Cante telefonou, tão logo chegou à cidade; sua voz soou calma, mas cansada. (Nunca, em toda sua vida,

se afastara mais de cento e oitenta quilômetros de casa, e isso duas vezes apenas, para ir a Reno, Nevada, a fim de comparecer a funerais da família.) Fui de táxi até o endereço indicado — uma grande casa branca, telhado verde, cerca viva aparada, jardins magníficos — e até porteiro! Nunca vira tanta riqueza antes. Abracei minha mãe, que me esperava do lado de dentro da porta, e, pela primeira vez na vida, vi-a chorando.

Mas também vi que as pessoas na casa nos olhavam, chocadas. Talvez nunca tivessem visto uma lamanita antes; e eu, filha dela, olhava-a do mesmo modo que elas, sentindo-me meio deslocada.

Nossos amigos de Nevada fizeram uma reunião às pressas, e O Kin Yan Cante sentou-se à mesa na sala de jantar, conosco, em vez de na cozinha, onde haviam planejado colocá-la; eu, porém, senti-me completamente isolada durante a refeição, ardendo de vergonha e humilhação — não por causa deles, mas de minha mãe. Naquela noite, deram-lhe travesseiro, cobertor e um catre, na cozinha.

Nossos amigos de Nevada decidiram voltar na manhã seguinte, em vez de demorar-se uns dois dias, conforme haviam planejado. O Kin Yan Cante sempre quis ver o templo, mas não teve oportunidade. Eu não conseguia falar; mas ela alisou minha testa com sua mão morena, dizendo: — Seja tudo o que puder ser, minha filha; seja como essas pessoas refinadas, que foram tão bondosas comigo — E ela falava sério! Um punhal não teria penetrado mais fundo. Após sua partida, eu chorei e chorei.

Passei o verão seguinte em casa e soube, por uma amiga, que O Kin Yan Cante estava fazendo uma bela colcha, um trabalho muito complicado que começara depois de chegar de Lago Salgado. Minha amiga deduziu que fosse um presente para mim, mas eu nunca o havia visto, e O Kin Yan Cante nunca o mencionara.

Certa noite, não consegui dormir; levantei-me e fui encontrá-la debruçada na tênue claridade sobre uma magnífica colcha de crochê — rosas vermelhas e cor-de-rosa, sobre quadrados brancos, rodeadas de pequenas folhas verdes.

— Oh, mamãe! — exclamei. — É para mim?

— Não.

Eu já sabia que não deveria inquirir mais.

Enquanto me preparava para retornar à escola, O Kin Yan Cante, muito amorosa e gentilmente, arrumou a colcha numa caixa. "— Quer, por favor, entregar isso às pessoas em Lago Salgado, que me permitiram ficar em sua casa?" — pediu. "— É meu presente de "pewhal" (agradecimento).

Prorrompi em lágrimas. "— Elas foram cruéis com você. Foram esnobes. Não merecem coisa alguma", — solucei.

Calmamente, minha gentil mãe disse: "— Sou membro da Igreja. Ela nos ensina um modo melhor. Temos de perdoar; e com que freqüência temos realmente uma oportunidade de retribuir o mal com o bem? Fiz o que o meu Salvador e os que são do reino gostariam de que eu fizesse. Não guarde rancor; ore por eles e ajude-os.

Voltei-me, as lágrimas rolando, agora silentes, pela minha face. Minha mãe não somente os havia perdoado, como também a mim, por me envergonhar dela. Mas como **eu** conseguiria perdoar-me?

Mas isso foi, também, uma dádiva do coração gentil de minha mãe. Ela me dera um nome lamanita além do nome branco. E meu nome lamanita, "Twanica", significa "disposta a tentar".

AS DECISÕES DETERMINAM O DESTINO

Élder Thomas S. Monson
do Quorum dos Doze Apóstolos

A juventude de hoje enfrenta decisões momentosas. O mundo em que vivem não é de brinquedo, nem uma terra de fantasia. É muito competitivo e exigirá o melhor de vocês, o melhor com que puderem contribuir, e os recompensará de acordo.

A obediência às leis de Deus traz liberdade e vida eterna, enquanto a desobediência traz o cativeiro e a morte — eis uma verdade solene, importante de ser lembrada.

Alguém já disse, anos atrás, que a história é influenciada por decisões aparentemente pequenas, e assim também é a vida das pessoas. Nossa vida dependerá das decisões que tomarmos — porque as decisões determinam o destino.

As decisões têm conseqüências eternas; por exemplo, a decisão tomada pelo povo na época do profeta Noé, quando todos riam, escarneciam e o ridicularizavam ao verem-no construir um barco, denominado arca. Mas pararam de rir e zombar, quando a chuva começou a cair, ininterruptamente. Haviam tomado uma decisão contrária às instruções do profeta de Deus, e pagaram, com sua vida, o preço dessa atitude.

Penso na decisão de Lamã e Lemuel, quando lhes foi ordenado que fossem buscar as placas de Labão. O que fizeram eles, segundo nos indica o registro? Murmuraram e disseram: "É muito difícil o que nos mandaram fazer..." (V. 1 Néfi 3:5), e decidiram não obedecer a esse mandamento — e perderam a bênção. Néfi, entretanto, ao receber a ordem, respondeu com esta bela declaração: "... Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor..." (V. 1 Néfi 3:7), e ele o fez; e recebeu o cobiçado prêmio, resultante da obediência.

Pensem na decisão de um rapaz de quatorze anos, após haver lido que, se alguém necessita de sabedoria, deve pedi-la a Deus, "... que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada". (Tiago 1:5.) Ele tomou a decisão de pôr à prova as palavras da epístola de Tiago. Encaminhou-se até ao bosque e orou. Teria sido essa uma decisão sem importância? Não — pois afetou toda a humanidade, e, particularmente, todos nós, membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Durante o século XIII, foi tomada outra decisão importante, quando as hordas mongóis saíram da Mongólia, varreram parte do mundo que ora conhecemos como Turquia e Irã, e invadiram a Europa. Com Subutai* e suas tropas postadas virtualmente às portas de Viena, prestes a aniquilar o mundo ocidental com sua cavalaria, supunha-se que a Europa e sua civilização estivessem condenadas. Então, algo aconteceu: um mensageiro vindo da Mongólia, trouxe a notícia da morte do Grande Khan, Ogudai, e Subutai teve de tomar a decisão entre prosseguir e conquistar a Europa ocidental, ou regressar à Mongólia, para nunca mais ameaçar esse continente. Uma decisão pequena, mas, oh, a sua conseqüência!

Ao ler a história da Segunda Guerra Mundial, creio que, talvez, uma das maiores decisões da época foi a tomada pelo General (Dwight David) Eisenhower e sua equipe, no sentido de invadir a França, pelas praias da Normandia. O contingente do general inimigo foi levado a crer que o ataque ocorreria no porto de Calais; conseqüentemente foram desviadas para lá as melhores tropas, a fim de rechaçar a força invasora. Essa estratégia de defesa se provou errada. As forças atracaram nas praias da Normandia, avançaram pela costa, e antes que as tropas de assalto do inimigo pudessem repeli-las, já estavam firmemente entrincheiradas além da cabeça de ponte na praia; e a Segunda Guerra Mundial já rumava para o seu término. Uma decisão que determinou o destino.

Cada jovem, virtualmente todos nós, temos a responsabilidade de tomar decisões vitais. Nossas decisões poderão não ser invadir as costas da Normandia, e certamente não serão cavalgar juntamente com hordas mongóis até à cidade de Viena; e também não teremos de tomar a decisão enfrentada pelo povo nos dias de Noé. Mas há determinadas decisões que vocês, jovens, tomam. E são todas importantes.

Quais são as três decisões mais importantes? Primeiro, qual será minha religião? Segundo, com quem me casarei? Terceiro, qual será minha profissão?

Primeiro, qual será minha religião? Sinto que todos devemos confiar em nosso Pai Celestial, que cada um deve assumir a responsabilidade de descobrir, por si próprio, se este evangelho de Jesus Cristo é ou não verdadeiro. Lendo o Livro de Mórmon e as demais obras-padrão, pondo à prova os ensinamentos, saberemos e conheceremos a doutrina, porque essa é nossa promessa; saberemos se é do homem ou de Deus. (V. João 7:17.) Nossa busca pode ter conseqüências de longo alcance.

Nos anos de 1959 a 1962, tive o privilégio de presidir a Missão Canadense, sediada em Toronto, no Canadá. Minha mulher e eu tivemos a maravilhosa oportunidade de trabalhar com quatrocentos e cinqüenta dos melhores rapazes e moças do mundo. Dessa época gostaria de contar-lhes uma experiência de minha mulher, que teve conseqüências de

N.T. — **Subutai Bahadur** e **Chebe-Noyen** avançaram, sob as ordens de Gêngis Khan, em 1221, até o Mar Cáspio, no sul da Rússia, e subiram até à Criméia. Depois, invadiram a Bulgária e chegaram ao Mar Adriático e à Polônia. Gêngis-Khan morreu em luta, provavelmente em 18 de agosto de 1227. Seu sucessor foi Ogudai, chamado, o Grande Khan.

As decisões que tomamos determinarão o curso a ser seguido por nossa vida

longo alcance. Certo domingo, ela estava sozinha na casa da missão, geralmente muito movimentada. Tocou o telefone, e a pessoa, do outro lado da linha, falando com sotaque holandês, perguntou: "— É aí a sede da Igreja Mórmon?" Era uma senhora que falava, e minha mulher respondeu-lhe que, no que se referia a Toronto, sim, acrescentando: "— Posso ajudá-la?" A pessoa respondeu: "— Sim, viemos da Holanda, nossa terra natal, onde tivemos oportunidade de aprender algo a respeito dos mórmons. Gostaríamos de saber mais." Minha mulher, como boa missionária que é, disse: "— Nós podemos ajudá-la". A amável senhora disse, ao telefone: "— O problema é que temos catapora aqui em casa; e se pudessem esperar até que as crianças melhorem, adoraríamos receber uma visita dos missionários." Minha mulher disse que tomaria as providências, e isso encerrou a conversa.

Muito entusiasmada, ela contou o fato a dois missionários que trabalhavam no escritório da missão: "— Temos aqui uma "referência de ouro" —, com que ambos concordaram. Então, como fazem alguns missionários, procrastinaram a visita à família. Os dias se transformaram em semanas, e as semanas em meses. Minha mulher perguntava: "— Élderes, vocês vão visitar aquela família holandesa hoje à noite?" Ao que eles lhe respondiam: "— Bem, estamos muito ocupados esta noite, mas vamos fazer essa visita logo." Algum tempo depois, e ela perguntou: "— Que tal minha família holandesa? Vão visitá-la esta noite?" E, novamente, a resposta: "— Bem, estamos muito ocupados, mas vamos tentar colocá-los em nossa agenda." Por fim, minha mulher disse :"— Se vocês não têm condições de visitar essa família, meu marido e eu iremos visitá-la." Ao que os élderes replicaram: "— Está bem, vamos pô-la em nossa agenda de hoje."

E assim, visitaram a adorável família. Ensinaram-lhe o evangelho. Todos os familiares se batizaram na Igreja. Tratava-se da família de Jacob de Jager. O Irmão Jager tornou-se o

presidente do quorum de élderes. A empresa para a qual trabalhava, a gigantesca Phillips, transferiu-o para o México, onde ele serviu à Igreja com distinção. Depois, tornou-se conselheiro de vários presidentes de missão na Holanda; veio a ser, posteriormente, representante regional dos Doze; a seguir, membro do Primeiro Quorum dos Setenta, servindo como administrador executivo da obra no sudeste da Ásia.

Faço a pergunta: A decisão tomada pelos missionários, de visitar a família Jager, foi importante? Foi importante a decisão de minha mulher, ao dizer: "Ou vocês fazem a visita hoje, ou nós a visitamos?" Foi importante a decisão que a família tomou, de telefonar ao escritório da missão em Toronto, no Canadá, e dizer: "Poderiam enviar-nos os missionários?" Presto-lhes testemunho de que essas decisões tiveram conseqüências eternas, não somente para a família Jager, mas para muitas outras pessoas, também, pois ali estava um homem capaz de ensinar o evangelho em inglês, holandês, alemão, espanhol, e indonésio, e que agora está aprendendo a pregá-lo em chinês. Pergunto: "Qual será nossa religião, nossa fé?"

Nossa conversão poderá não ser tão dramática como a do casal Jager, mas, para cada um de nós, ela será tão vital e igualmente tão duradoura como para eles. Nossa crença é um assunto sumamente importante. Consideremos com atenção nosso encargo de buscar a verdade.

Vocês enfrentam uma segunda questão: "Com quem me casarei?" Posso dar um exemplo pessoal para essa pergunta? Durante um baile de calouros na Universidade de Utah, eu estava dançando com uma garota da West High School, enquanto uma outra moça da East High School dançava com seu parceiro. O nome dela era Frances Johnson; eu não a conhecia na ocasião. Assim que a vi, decidi que se tratava de uma senhorita que gostaria de conhecer. Mas ela desaparecu em meio ao baile e não voltei a vê-la nos próximos três meses. Certo dia, então, enquanto esperava o velho bonde numa esquina da Cidade do Lago Salgado, olhei e não podia acreditar no que via. Lá estava a moça que eu vira dançando no salão, acompanhada de outra senhorita e um rapaz de quem me lembrava desde os tempos da escola primária. Infelizmente não me recordava do nome dele. Eu tinha uma decisão a tomar, e pensei comigo mesmo: "Esta decisão requer coragem. Que devo fazer?" Reconheci profundamente em meu coração o significado da frase: "Quando chega a hora da decisão, o momento dos preparativos já se foi".

Empertiguei-me, arrumei a coragem necessária e encaminhei-me rumo à oportunidade. Dirigindo-me ao rapaz, disse: "— Olá, meu velho amigo da escola primária, "— ao qual ele respondeu: "— Não consigo me lembrar de seu nome." Disse-lhe meu nome, e ele me disse o seu. Apresentou-me, então, à garota que, mais tarde, se tornou minha esposa. Naquele dia, fiz uma anotação em meu caderninho de endereços de que deveria visitar Frances Beverly Johnson, o que fiz. Aquela foi uma das decisões mais importantes que já tomei. Os jovens que estão nessa época especial da vida têm a responsabilidade de tomar decisões semelhantes.

Têm a responsabilidade importante de escolher com quem se casar — e não somente quem namorar.

O Élder Bruce R. McConkie disse: "Nada é mais importante do que casar-se com a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa e pela autoridade certa." Esperamos que evitem namoros muito rápidos. É importante que cada um de vocês conheça bem a pessoa com quem planeja casar-se a fim de ter certeza de que ambos pretendem seguir o mesmo caminho, em busca dos mesmos objetivos eternos.

Examinemos a terceira questão: "Qual será minha profissão?" Já aconselhei muitos missionários de regresso que me fizeram essa pergunta. Freqüentemente descobrimos que os missionários tentam copiar seu presidente de missão. Se ele for professor, um número substancial de missionários desejará seguir a carreira educacional; se for homem de negócios, muitos estudarão administração de empresas; se for médico, muitos também quererão sê-lo; e isso porque, naturalmente, desejam imitar o homem a quem respeitam e admiram. Meu conselho aos missionários de regresso é que se preparem para a vida profissional, dedicando-se a um campo que apreciem, porque é nele que passarão boa parte de sua vida. Creio que deve ser algo que desafie nosso intelecto e que exija o máximo de nossos talentos e capacidade; finalmente, creio que deva ser um campo que nos forneça remuneração adequada para sustentar esposa e filhos.

Parece que é exigir muito de um emprego; mas, presto-lhes testemunho de que esses critérios são muito importantes na escolha de uma carreira. Cito uma passagem da qual o presidente David O. McKay se orgulhava: "Cabe a você decidir / Se cumprirá ou se vai desistir / . . . Se tentará a meta distante alcançar / Ou se contentar-se-á em aí mesmo ficar" ("It's up to You" — "Depende de você" — in Clinton T. Howell, *Design for Living*, New York: Grosset & Dunlap, 1970, p. 30; tradução livre do original em inglês.)

A preparação adequada propicia a capacidade de pensar e decidir. Encontramos muitas pessoas desejosas de achar desculpas para seu insucesso. Durante a primeira fase da Segunda Guerra Mundial, uma decisão de vida ou morte foi tomada por um dos grandes líderes dos exércitos aliados, o Visconde Slim, da Grã-Bretanha. Muito depois de terminada a guerra, ele declarou a respeito de sua decisão tomada na batalha de Cartum, em 1940: "Assim como tantos generais cujos planos fracassaram, eu poderia achar muitas desculpas, mas somente uma razão — eu mesmo! Quando duas opções se me apresentaram, não escolhi, como deveria um bom comandante, a mais corajosa. Preferi acatar o conselho de meus próprios temores."

Insto-os a não acatarem o conselho de seus próprios temores. Espero que nunca digam: "Minha inteligência não basta para estudar engenharia química; por isso, estudarei algo mais fácil." Ou: "Não consigo aplicar-me o suficiente no estudo desse assunto tão difícil, ou desse campo tão amplo; portanto, escolherei o caminho mais fácil." Imploro-lhes que usem ao máximo os seus talentos, escolhendo o caminho mais árduo. Nosso Pai Celestial os equipará para a tarefa. Se alguém tropeçar, se não conseguir as notas mais

altas, espero que isso não o desanime. Espero que se levante e tente novamente.

Considerem a experiência do Almirante Chester W. Nimitz. Quando foi promovido a segundo-tenente da Marinha, deram-lhe um destróier velho, decrépito, caindo aos pedaços, para comandar. Chamava-se Decatur. Teve de preparar o navio para zarpar, e, numa das primeiras viagens, o Tenente Nimitz encalhou o barco. Isso o levou a uma imediata corte marcial. Se Chester Nimitz não fosse o tipo de homem que era, esse insucesso ter-lhe-ia arruinado a carreira. Mas, o que fez ele? Superou a derrota, e prosseguiu, até tornar-se o almirante-chefe da maior frota de guerra já reunida neste mundo — a Esquadra do Pacífico. E ele mostrou a todos que uma derrota não derruba de vez um homem de valor.

Qual será minha religião? Com quem me casarei? Qual será minha profissão? Sou muitíssimo grato por termos de tomar essas decisões, contando com auxílio divino. Todos podem obter orientação e auxílio de nosso Pai Celeste, desde que se esforcem. Gostaria de que todos nos motivássemos a ler e compreender a seção nove de Doutrina & Convênios. É uma seção que geralmente deixamos um pouco de lado, mas que contém uma grande lição para todos nós. Quando tivermos de tomar uma decisão importante, permiti-me sugerir que nos dirijamos a nosso Pai Celestial, da forma que o Senhor indicou ao Profeta Joseph Smith. O Senhor disse a Oliver Cowdery, por intermédio do Profeta, na seção nove:

"Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.

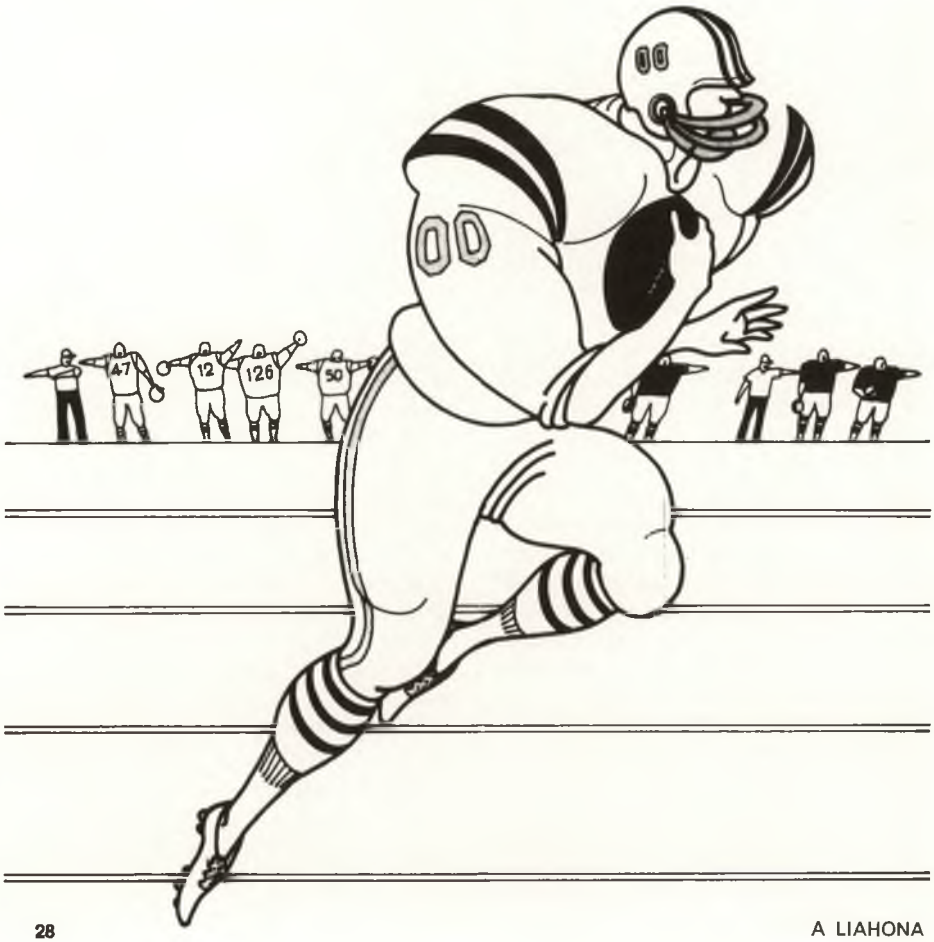
"Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo.

"Mas, se não for correto não sentirás isso, mas terás um estupor de pensamento que te fará esquecer o que for errado..." (vv. 7-9).

Esta é a orientação inspirada para nós, atualmente.

Henry-Contra-Mão

Kathleen Johns e Laird Roberts



Henry-Contra-Mão

Já lhe aconteceu de fracassar, quando mais precisava de sucesso? Se já, você se identifica com o Henry-contra-mão.

Henry Marsh, de doze anos, adorava futebol americano; assim sendo, quando o time de sua escola venceu o campeonato estadual do Texas, e foi participar do torneio inter-campeões escolares no vizinho Estado de Oklahoma, as coisas pareciam ir muito bem. Seria um dia grandioso para o menino.

Henry ficara observando os companheiros de time carregarem, chutarem e lançarem a bola de futebol em direção ao gol, do outro lado do campo, durante os primeiros três tempos de quinze minutos do jogo. No final do último tempo, com o jogo empatado, ele, finalmente, entrou em campo, pronto para vencer o mundo. O time adversário chutou a bola em direção ao gol, onde o defensor do time de Henry, fazendo uma ginástica fenomenal, conseguiu agarrá-la. De repente, aconteceu! Henry recebeu um passe da defesa, o que o surpreendeu mais que qualquer outro no estádio inteiro.

Ali estava a maior oportunidade em sua curta carreira desportiva. Com a torcida urrando, hesitou um instante, antes de lançar-se a campo, correndo o mais que podia. Era inacreditável — ninguém barrava o seu avanço! A torcida também não conseguia acreditar, vendo-o em debalada carreira na direção errada. Felizmente, o time de Oklahoma estava, também, tão confuso, que os jogadores o interceptaram, antes que fosse longe demais, E ele ainda resistiu bravamente. De repente, o barulho da torcida mudou, enquanto Henry compreendia o que acontecera. Se humilhação produzisse som, era assim que soaria.

Vários anos se passaram e o clamor da torcida mudou para Henry-contra-mão. Agora, ele se recorda dos aplausos no Estádio Olímpico de Montreal, Canadá, onde, juntamente com os demais atletas representando os Estados Unidos da América, participou das Olimpíadas de 1976.

A história da escalada de Henry de um time estudantil de futebol americano para os jogos olímpicos, demonstra que não importa o quanto você "quebre a cara" na tentativa de vencer, mas sim, quão alto você se ergue ao levantar. Na oitava série, com treze anos, pegou o sétimo lugar como fundista, num campeonato estadual de corrida. Quando estava na nona série, já corria dezesseis quilômetros por dia, como exercício. Depois que sua família se mudou para o Havaí, tornou-se campeão estadual de "cross-country". Mas nem tudo foram rosas para Henry. Quando ingressou na Universidade de Brigham Young, no primeiro ano nem se qualificou para o time itinerante de atletismo.

Não sabendo o que fazer com ele, o técnico dissera: "por que não pomos o Henry na corrida de obstácu-

los?" Tratava-se de uma estafante prova de mais de três quilômetros, entremeada de obstáculos sólidos e barreiras d'água. Naquele ano, Henry pegou o sétimo lugar entre os demais atletas universitários com quem competiu. Parecia que encontrara seu tipo ideal de esporte.

Para Henry Marsh, a missão não constituía problema. Era algo que desejara desde a infância. Quando recebeu o chamado, nem pestanejou.

Depois de dois anos no campo missionário, regressava um novo Henry. Seus músculos estavam mais flácidos, mas, por dentro, havia novas forças — forças que fariam diferença em todos os sentidos. Revendo o passado, Henry disse: "Se eu não tivesse feito missão, jamais chegaria às Olimpíadas."

Mas ainda teria de provar-se. Não dispunha de nenhuma bolsa de estudo para ajudar a mantê-lo na universidade, e os técnicos realmente não esperavam muito dele. Durante algum tempo, correu pelo simples prazer de participar. E ficava pensando: Será que conseguirei qualificar-me para o time? Teria condições? Valeria a pena?

Em janeiro daquele ano, abandonou o time, quando ingressaram dois outros corredores. Pouco tempo depois, examinou cuidadosamente a situação e disse a si mesmo: "Henry, você nunca descobrirá suas qualidades, enquanto não competir." Uma semana mais tarde, estava de volta à equipe.

Aquele foi o momento decisivo para Henry, como competidor. Ainda "quebrou a cara" algumas vezes, mas parecia melhorar após cada fracasso numa competição considerada pré-olímpica, ele venceu por 22 segundos de diferença os melhores atletas. Durante os Jogos Olímpicos de Montreal, Canadá, foi o único membro da equipe americana a se classificar para as finais da corrida de obstáculos.

Henry tinha de beliscar-se para saber que não era um sonho: os Jogos Olímpicos, conhecer o presidente dos Estados Unidos, encontrar-se com alguns dos maiores atletas do mundo, e até a própria competição em si. Terminou em décimo lugar na corrida de obstáculos, melhorando sua própria marca em quatro segundos.

A plenitude da carreira de um corredor de obstáculos é aos vinte e nove anos, e, aos vinte e um, Henry já era o segundo competidor mais jovem no evento.

Então, em 8 de julho de 1979, "Henry-Contra-Mão" ganhou a medalha de ouro na corrida de obstáculos, durante os Jogos Pan-americanos de Porto Rico. Seu tempo foi de 8 minutos, 43 segundos e 5 décimos. O recorde de sua carreira é de 8 minutos, 21 segundos e 5 décimos. "Este é, definitivamente, o ponto alto de minha carreira", disse Marsh.

Três semanas depois, ganhou a segunda medalha de ouro, em menos de três semanas, durante uma competição internacional, em que venceu a corrida de obstáculos de 3000 metros nos Jogos Spartacade, na Rússia, em 25 de julho. Nessa competição, realizada para 15 das principais repúblicas soviéticas como um acontecimento pré-olímpico, Marsh empregou o que os observadores chamaram "um tremendo esforço extra," no final, vencendo com o tempo de 8 minutos, vinte e oito segundos e nove décimos.

Quanto às Olimpíadas de 1980, Henry diz, simplesmente, que suas metas são diárias. "Minha meta", diz ele, "é correr melhor amanhã do que hoje."

Você Pode Conseguir Tudo Com o Espírito

Vira H. Judge

Certa tarde, quando tinha doze anos, Sam Eggers, de Santa Ana, Califórnia, parecia um tanto pensativo ao chegar em casa da escola. "— Sabe, mamãe", disse ele, pegando um pedaço de bolo do prato que ela lhe oferecera" — arrumei um novo amigo muito bom na escola."

"— Que bom", respondeu a mãe, Donna Eggers. Serviu-lhe um copo de leite e sentou-se a seu lado." — Conte-me a respeito dele. Como se chama?"

"— Mike Witte."

"— Witte? Não é o nome daqueles gêmeos que costumavam freqüentar sua escola?"

— Isso mesmo, mamãe, Mike e Gary. Mike está na minha classe". O rosto de Sam tornou-se mais circunspecto." — Mamãe, ele daria um bom mórmon. Acha que devo convidá-lo para ir à Igreja?"

"— Mas, claro, filho." Antes que sua mãe pudesse dizer algo mais, Sam já estava lá fora, a caminho da casa de Mike, como se não pudesse perder um minuto sequer, após

a decisão tomada. A Irmã Eggers sorriu: "Esse menino já tem zelo missionário. Dará um ótimo missionário quando chegar sua vez."

Quando chegar sua vez... Como poderia imaginar que a missão de seu filho já havia começado?

"— Claro que vou. A que horas? Posso levar o Gary?" Mike demonstrava estar sinceramente satisfeito com o convite de Sam.

"— Lógico que pode levar o Gary", — disse Sam. "— Estarei esperando na esquina, às cinco horas, no domingo, está bem?"

"— De manhã ou à tarde?" perguntou Mike.

"— Ora, de manhã, é claro", — respondeu Sam, jamais imaginando que Mike iria levar a coisa a sério.

Mas levou, e, no domingo de manhã, exatamente às cinco horas, os dois gêmeos estavam esperando na esquina, conforme combinado. Esperaram longo tempo antes de desistir e voltar para a cama.

Mais tarde, Mike telefonou para saber o que havia acontecido. Sam riu-se do mal-entendido, pois Mike dissera: "Achei que era um horário esquisito para se ir à Igreja..."

Na reunião sacramental, naquela tarde, Mike e Gary observaram Sam e os outros diáconos distribuírem o sacramento. "— Parece 'legal' ", disseram, quando Sam voltou a sentar-se do lado deles. "— Como é que se pode fazer isso?"

"— Você precisa ser batizado e ser diácono" — sussurrou Sam. "— Eu explico depois."

Depois da reunião, Mike e Gary ouviram atentamente, enquanto Sam explicava por que seu pai estava sentado junto ao púlpito, por ser conselheiro do bispado. Explicou, também, que, quando um menino completa doze anos, é ordenado diácono, no sacerdócio, se for digno, e aí pode distribuir o sacramento.

Sacerdócio? Diácono? Ordenação?

Naquela noite, na cama, Mike e Gary conversaram muito a respeito dessa igreja nova e diferente, que permite aos meninos terem essa coisa especial, chamada sacerdócio.

Havia outras coisas diferentes, além disso. As pessoas eram amigáveis. "Venham sentar-se aqui, conosco", vários rapazes convidaram. Os adultos davam tapinhas nas costas e diziam: "Estamos felizes por tê-los aqui", e pareciam sinceros.

Havia crianças, também, muitas crianças, sentadas com seus pais. todos se cumprimentavam cordialmente. Todos pareciam conhecer-se e amar-se.

Por que dois meninos de uma família de não-membros colocariam o despertador para acordá-los às 3 e meia da madrugada de domingo, a fim de estarem prontos às cinco para uma reunião religiosa numa igreja onde nunca haviam estado antes, e sobre a qual nada sabiam, com exceção do nome?

"Éramos jovens, tínhamos apenas doze anos", explicaram. "Mas achávamos que deveríamos pertencer a alguma igreja. Já havíamos freqüentado várias, o bastante para saber que algumas tinham costumes estranhos. Assim, não ligamos para o fato de a igreja de Sam começar às cinco da manhã..."

"— Essa atitude parece simbolizar a vida religiosa de Mike e Gary", disseram os pais de Sam, posteriormente. "— Eles sempre querem estar prontos para tudo na hora certa."

Três anos se passaram até que os pais de Gary e Mike consentiram no batismo dos filhos. Durante esse tempo, os gêmeos freqüentaram fielmente as reuniões do sacerdócio, Escola Dominical, reunião sacramental, Mutual, tudo. A cálida amizade que encontraram conservou-os ativos, mas havia algo mais. Ficaram muito impressionados com o Livro de Mórmon e o fato de Joseph Smith ter podido traduzi-lo. Assombraram-se com o plano de salvação. Acreditaram, de todo o coração, que a Igreja é verdadeira.

"Ficamos, também, impressionados, devido ao fato de os professores e amigos na Igreja SUD estarem tão ansiosos de responder a todas as nossas perguntas", explicaram. "Esse foi um verdadeiro contraste com as outras igrejas que freqüentamos. Quando perguntávamos coisas nas outras igrejas, eles nos respondiam: "Deus sabe disso. Nós não precisamos saber."

Mike e Gary aprenderam muito a respeito do evangelho durante as aulas e reuniões a que compareceram, mas obtiveram profunda compreensão de seus princípios eternos durante palestras informais na casa da família Egger.

Impressionados com a sinceridade e o desejo dos dois garotos, a família Egger os convidava semanalmente a visitarem sua casa, a fim de conversarem sobre o evangelho.

Logo Sam e seu irmão mais jovem, Scott, também cheio de zelo missionário, começaram a convidar outros. O casal Egger recebia bem os amigos dos filhos, os quais, por coincidência, eram todos de famílias inativas.

Por que dois meninos de uma família de não-membros colocaram o despertador para acordá-los às 3 e meia da madrugada de domingo, a fim de estarem prontos às cinco para uma reunião religiosa numa igreja onde nunca haviam estado antes, e sobre a qual nada sabiam, com exceção do nome?

Os outros membros logo começaram a perguntar se poderiam fazer convites semelhantes a seus amigos inativos ou não-membros. A lista aumentou. Nos anos seguintes, havia, geralmente, umas vinte pessoas comparecendo às palestras familiares semanais.

O manual de noites familiares tornou-se o guia. A Irmã Eggers aceitou a responsabilidade de ministrar a aula que precedia cada debate, mas logo designou outros membros do grupo para apresentar as lições, a fim de que os jovens pudessem aumentar sua experiência e compreensão.

Após as lições, os garotos eram incentivados a fazer perguntas, por mais triviais que pudessem parecer.

"Perguntem o que quiserem, que não tenham entendido, ou que os esteja preocupando", era o incentivo que recebiam.

"Todas as perguntas eram respondidas na íntegra e com atenção. As opiniões de todos eram respeitadas. Depois, examinávamos as escrituras para chegar a uma conclusão", explica o Irmão Eggers. "Era importante para nós que esses rapazes obtivessem entendimento do evangelho, mas, também, estávamos particularmente interessados em que compreendessem seu próprio valor e conservassem um profundo amor e respeito por seus pais e familiares."

Como nas noites familiares normais, os refrescos e petiscos eram palavra de ordem em prol de um bom relacionamento social. Os membros do grupo se ofereciam para trazê-los.

O grupo tinha, também, atividades em conjunto — patinação e patinação no gelo; ir ao cinema; acampar; excursões a pé; pescarias; ir à praia; esquiar; e participar de festas de aniversário. Enviava presentes aos missionários no campo, também. Todas essas atividades eram planejadas e preparadas pelos jovens.

O grande acontecimento do ano era uma festa de Natal, à qual compareciam os pais de todos os rapazes e moças. "Esse acontecimento anual contribuiu em muito para promover a compreensão da Igreja e de seus programas no seio de todas as famílias", disse o Irmão Egger.

"Assim, não ligamos para o fato de a igreja de Sam começar às cinco da manhã"

Sam e Scott participavam ativamente do grupo, e durante todo o período escolar e até à faculdade, eram amigos de todos os que compareciam. No batismo de Mike e Gary, Sam fez o discurso durante o serviço batismal. Quando a família Egger foi convidada a fazer uma apresentação especial de noite familiar na reunião sacramental, foi muito natural que convidassem Mike e Gary a participarem também.

Mike acompanhou a família Eggers a um acampamento em High Sierras, durante um verão, e, juntamente com Tom Wall, outro membro do grupo, participou de uma viagem de seis semanas até o Alasca, de barco, regressando pela auto-estrada Alcan, com uma visita à Praça do Templo (Lago Salgado) como clímax da excursão.

Esse foi o momento decisivo na vida de Tom; no ano seguinte, ele partiu em missão; foi o primeiro do grupo a ser chamado.

"— Não seria espetacular, se todos fôssemos chamados para a mesma missão, ao mesmo tempo? — "comentou um dos gêmeos certa noite, durante um serão. Isso trouxe muita risada, e comentários do tipo: "Isso não é possível"; "Rapazes da mesma ala nunca são chamados para o mesmo lugar ao mesmo tempo"; "Impossível" etc.

Para surpresa e deleite de todos, os três amigos receberam seu chamado missionário no mesmo dia — Mike e Sam para a Missão Equador-Quito, e Gary para a Missão Costa Rica-San José, todos os três para missões de língua espanhola.

Foram os três primeiros missionários que o Irmão Eggers (agora Bispo Eggers) chamou em sua nova designação. Todos os três entraram no Centro de Treinamento Missionário no mesmo dia.

No ano seguinte, Scott também foi chamado para uma missão de língua espanhola, a Missão Colômbia-Bogotá.

"Foi muito especial ter o privilégio de levar esses garotos até o Templo de Los Angeles, e sentir seu espírito de amor ao Senhor", comentou o casal Eggers, a respeito.

Dois dias depois de receberem seus próprios endowments, os rapazes combinaram com dois missionários de regresso, membros da ala, e todos partiram às seis horas da manhã, para irem juntos ao templo.

"Emocionamo-nos ao vê-los", comentou o bispo, orgulhoso. "Estavam tão felizes. Pelo jeito como conversavam, é como se estivessem indo à praia. Mas, em vez disso, rejubilavam-se porque iam à Casa do Senhor."

Onze anos já se passaram, desde que Sam convidou Mike para uma reunião da Igreja, e a maioria dos participantes do grupo já seguiu rumos diferentes. Nove se casaram no templo. Cinco rapazes fizeram missão. Oito do grupo foram batizados, inclusive as irmãs de Mike e Gary, Donna e Sheri. Além disso, muitos dos jovens que estavam indecisos, fortaleceram seus testemunhos.

Quem poderia adivinhar o resultado do espírito missionário de um menino de 12 anos que quis convidar um amigo para ir à Igreja? Como disse Mike, tão apropriadamente: "Você pode conseguir tudo, com o Espírito."

Uma Carta aos Pais Santos dos Últimos Dias em Portugal

Estimados Pais

Nosso Pai Celestial confiou-nos algo mais precioso do que qualquer outra coisa nesta terra: nossos filhos, a próxima geração de Sião. Dirigimo-nos a vocês em nome do Presidente Kimball, do Quorum dos Doze e do Primeiro Quorum dos Setenta. Dirigimo-nos a vocês com uma mensagem que será repetida por seu Representante Regional, Presidente de Missão, Presidente de Estaca e outros líderes. Esta mensagem vem de nosso coração. Se pudéssemos, colocaríamos nossos braços ao redor de seus ombros e falaríamos a cada um de vocês como se fosse de um coração ao outro. Portanto, lembrem-se de que, apesar da necessidade de comunicar-nos com vocês através de uma carta, sentimos grande amor e admiração por vocês. Sentimo-nos honrados em sermos considerados entre aqueles que criaram seus filhos na Europa.

Na posição de pais, temos a responsabilidade de ensinar a nossos filhos os princípios básicos do evangelho. É o desejo de nosso Pai Celestial que cada um de seus filhos obtenha um testemunho pessoal e que, através do Espírito Santo, venha a desfrutar de uma relação íntima com o Salvador, sendo esse um privilégio de todo verdadeiro santo dos últimos dias. A nós, os pais, ele deu a responsabilidade de obter esta bênção para nós mesmos e de guiar nossos filhos a ela.

Haverá momentos na vida de cada jovem em que ele será sujeito a provações e necessitará firmar sua posição sobre seu próprio alicerce espiritual, independente e seguro em suas convicções, ao enfrentar-se com a discordância de idéias, as tentações e os erros do mundo. Se vocês têm filhos com idade entre 14 e 25 anos, sabem, como nós, que durante esse período da vida eles enfrentarão o maior número destes desafios.

É exatamente durante este período da vida de seus filhos que a Igreja poderá ajudá-los através dos Seminários e Institutos, programas de educação religiosa realizados durante a semana. Estes programas existem a fim de ajudar-nos a cumprir nossas responsabilidades como pais. O Presidente Harold B. Lee expressou claramente o propósito deles quando disse: "As Autoridades Gerais, ao estabelecerem um programa de aulas de religião durante a semana, declararam ser seu propósito um contrabalanço dos estudos ateísticos tão comuns nas escolas seculares." (Discurso aos educadores de religião, junho de 1970.) Mais recentemente, a Primeira Presidência escreveu o seguinte aos jovens na idade de freqüentarem o Seminário: "Encorajamos os jovens a se matricularem no programa de Seminário nas alas ou ramos. É nosso desejo que se associem com outros jovens que estão estudando o evangelho. Esperamos sinceramente que vocês façam mais do que somente matricular-se: apliquem-se, aprendam os princípios lindos e básicos do evangelho e os pratiquem." Eles terminam a carta com esta promessa importante aos pais: "Se forem fiéis no cumprimento dessa tarefa, asseguramo-lhes

que alcançarão felicidade agora e vida eterna no além." (Carta de abril de 1970.)

Sentimos muita mágoa em pensar que um jovem, por negligência própria ou por falta de encorajamento dos pais, não procure obter esta promessa e tornar-se digno de recebê-la. Temos certa urgência neste momento, pois esta é a época em que os jovens da Igreja deverão matricular-se para as aulas de Seminário e Instituto, a serem iniciadas no outono. Permitam-nos solicitar a vocês, como pais, que nos ajudem a fazer três coisas: (1) Reflitam nas palavras do Presidente Kimball aqui citadas. Orem, discutam e planejem juntos a fim de obterem a inspiração do Senhor para poder ensinar seus filhos e guiá-los através de seu exemplo. (2) Tenham uma conversação pessoal com cada um de seus filhos. Prestem testemunho do Senhor Jesus Cristo e de seu profeta na terra hoje. Digam a seus filhos que o profeta do Senhor quer que sejam matriculados no programa de Instituto ou Seminário a fim de estudarem o evangelho todos os dias. Certifiquem-se de que seus filhos se matriculem e se comprometam a estudar diariamente. (3) Inspirem seus filhos através de exemplo de estudar as escrituras todos os dias. Sempre que possível, levantem cedo e estudem na mesma mesa com seus filhos. Orem juntos, compartilhando de uma refeição espiritual antes da refeição da manhã. Façam-no a cada manhã.

Estes desafios não são fáceis. Mas a promessa não tem preço. Sempre há um meio de obter ajuda de nosso Pai Celestial a fim de termos sucesso em cumprir seus desejos.

Sabemos que o maior incentivo para seus esforços será o amor por seus filhos e seu desejo de vê-los cumprir sua missão aqui na terra. Nós os cumprimentamos; vocês, os criadores de um mundo melhor, os pais de uma geração escolhida. Queridos pais, edificamo-nos mutuamente a fim de realizar a tarefa a nós designada pelo Senhor. Que possamos todos encontrar-nos dignos perante o Senhor no dia da justiça e ouvi-lo dizer-nos: "Bem está, servo bom e fiel, ...entra no gozo do teu Senhor." (Mateus 25:21).

Élder e Sister Robert D. Hales

Élder e Sister Robert D. Hales compartilhando o estudo das escrituras com seu filho David, recém-chegado da missão.